UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DE CRISTÃOS PRATICANTES, NÃO PRATICANTES, NÃO CRISTÃOS E ATEUS ACERCA DE MULHERES QUE OPTAM POR NÃO EXERCER A MATERNIDADE[1]

Camila Maria dos Santos[2]

Carolina Bunn Bartilotti, Dra[3]

RESUMO

A identidade feminina vinculada à maternidade vem se constituindo através da História e do discurso religioso cristão, determinando que a mulher só se realiza ao se tornar mãe. Com o aumento no número de adeptos ao cristianismo no Brasil nas últimas décadas, esta pesquisa objetivou identificar e comparar a representação social de cristãos praticantes, não praticantes, não cristãos e ateus, acerca de mulheres que optam por não exercer a maternidade. Este estudo foi realizado através de uma pesquisa quantitativa, exploratória e, o levantamento de dados foi por meio de um questionário via plataforma Online Pesquisa (www.onlinepesquisa.com) composto por 33 perguntas, com opções de respostas disponibilizadas em uma escala de 1 a 5, sendo 1 para "concordo plenamente" e 5 para "discordo totalmente" da afirmativa. As informações coletadas foram relacionadas à teoria correspondente por meio de uma análise descritiva. O estudo contou com 350 participantes, entre mulheres (75.1%) e homens (24.9%) maiores de 18 anos residentes no país. Os dados foram expressos em uma tabela comparativa entre os grupos de cristãos (praticantes ou não), não cristãos, ateus, mulheres e homens com as médias de respostas acerca das afirmações relacionadas à maternidade. Em geral, segundo alguns resultados os pesquisados apontaram discordância acerca de a mulher ser valorizada socialmente através da maternidade e da responsabilidade da gravidez ser apenas da mulher. Quanto à felicidade de uma mulher sem filhos, os resultados indicaram concordância, já sobre a maternidade como o melhor acontecimento da vida de uma mulher e sobre a importância da gravidez, os dados assinalaram que os pesquisados não concordam, nem discordam. Em relação à inexistência do desejo da maternidade, os resultados retrataram que os pesquisados concordam com a ideia e discordam em considerar egoísta a mulher que não possui esse desejo. Sobre a mulher optar pela profissão em detrimento da maternidade, os resultados marcaram através dos pesquisados concordância acerca da afirmativa e discordância sobre a mulher só se realizar através da maternidade. Resultados distintos se apresentaram por meio de devotos da Renovação Carismática Católica (RCC) e Protestantismo. A maternidade de acordo com princípios cristãos se apresenta como algo inatingível às mulheres nos dias atuais, de modo que transformações surgiram em meio à modernidade.

Palavras chave: não maternidade, mulher e cristianismo.

---

[1] Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. 2020.

[2] Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: camila.santos20@unisul.br

[3] Doutora em Psicologia – Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Professora Titular na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

INTRODUÇÃO

Na sociedade ocidental a identidade feminina vem se estabelecendo de acordo com a sua constituição biológica, vinculada à maternidade e aos cuidados da família e do lar. Assim sendo, a capacidade de gerar filhos vem justificando as construções sociais dos papéis de gênero por meio aos séculos, determinando que toda mulher deve se tornar mãe. No entanto, a mulher tem se apresentado com um novo *status*, não universal entre todas as mulheres, porém distinto às representações sociais já existentes; elas têm adentrado no mercado de trabalho, muitas optam pelo prestígio profissional, projetos individuais e benefícios pessoais à maternidade (PATIAS; BUAES, 2012).

No período patriarcal, as mulheres não detinham de poder algum sobre suas vidas, apenas tinham a função de dar continuidade à espécie humana. No entanto, com o avanço da industrialização no século XIX, passaram a refletir sobre sua posição de submissão perante os homens, indo à busca de liberdade e direitos (REZENDE, 2016). Contudo, continuam sofrendo preconceitos embasados no seu papel social construído historicamente. Diante disso, na busca por igualdade, eis que surge o movimento feminista, questionando o papel da mulher na sociedade, no trabalho e na família, com o intuito de extinguir as relações baseadas em discriminação social e de gênero (REZENDE, 2016).

No que se refere à maternidade, o contexto que a aborda como algo imprescindível a todas as mulheres e o foco deste estudo, é o contexto religioso. Nesse cenário, a imagem da mulher para os cristãos se baseia em Maria, mãe de Jesus Cristo que é o representante do cristianismo. Mulher de fé e obediente foi o exemplo de mãe por ter concebido e parido virgem, logo, sem pecado, intensificando o discurso da Igreja de que o modelo de mulher deveria ser exclusivamente o de esposa e mãe (LIMA, TEIXEIRA, 2008).

Em se tratando do número de religiosos no Brasil, o último censo realizado acerca desse cenário pelo IBGE em 2010, apontou que aproximadamente 87% dos brasileiros são cristãos, assinalando o crescimento desse movimento no Brasil. Diante desse fato, e poucos estudos do pensamento cristão acerca da maternidade nos dias atuais, surgiu o questionamento sobre qual a representação social de cristãos praticantes, não praticantes, não cristãos e ateus acerca de mulheres que optam por não exercer a maternidade. Desse modo, este estudo teve como objetivo comparar a representação social dos grupos acima mencionados identificando a representação social acerca de mulheres que optam não exercer a maternidade por cada um distintamente.

MÉTODO

Para a realização da pesquisa, o presente estudo foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Unisul (CEP UNISUL), tendo sua aprovação no mês de Setembro de 2020. Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo e exploratório com levantamento de dados realizado por meio de um questionário elaborado pelas pesquisadoras, objetivando identificar e comparar a representação social de cristãos praticantes, cristãos não praticantes, não cristãos e ateus acerca de mulheres que optam por não exercer a maternidade (MICHEL, 2005; GUIMARÃES, 2008; GIL, 2002).

A pesquisa se realizou em nível nacional, possibilitando a participação de homens e mulheres maiores de 18 anos residentes em qualquer um dos estados do país. Desse modo, os interessados responderam ao questionamento direcionado ao tema após estarem de acordo com os riscos, benefícios, sigilo, anonimato, privacidade, autonomia, devolutiva de resultados, ressarcimento e indenização, estabelecidos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE) antecipadamente ao início das perguntas.

Dentre os procedimentos de pesquisa, o Instrumento de Coleta de Dados (ICD) foi um questionário on-line fechado com 33 perguntas relativas à mulher e à maternidade, segundo princípios religiosos. O questionamento de 18 afirmações sobre a maternidade contou com uma escala de opções de respostas de 1 a 5, onde 1 correspondia a “concordo plenamente”, 2 “concordo em parte”, 3 “não concordo, nem discordo”, 4 “discordo em parte” e 5 “discordo totalmente” da afirmativa.

A divulgação e compartilhamento do *link* correspondente ao questionário foram realizados através da rede de relacionamento das pesquisadoras por meio das mídias sociais: *Instagram, Facebook*, *Whatsapp* e *e-mail*, dentre outras disponíveis e passíveis de compartilhamento via internet.

O estudo contou com a contribuição de 350 participantes entre homens e mulheres acima de 18 anos. O tempo médio de resposta foi de 5 minutos para cada participante.

A coleta de dados ocorreu gratuitamente pela plataforma Online Pesquisa (www.onlinepesquisa.com), bem como o registro e a organização das informações, disponibilizados em uma planilha de Excel para a análise no encerramento da pesquisa.

As informações coletadas foram agrupadas e organizadas em uma tabela, facilitando a visualização, e posterior descrição, possibilitando a comparação dos dados entre os grupos selecionados e a conexão com a teoria, auxiliando a análise. Os dados da média das respostas dos participantes de cada um dos grupos foram expressos em uma tabela comparativa entre

grupos, sendo eles, cristãos praticantes, cristãos não praticantes, não cristãos, ateus, mulheres, homens e religiões (Católica Apostólica Romana, Católica Carismática, Espírita, Evangélica e Protestante), disponibilizados pelo programa Excel.

Desse modo, providas das informações, uma análise por meio de estatística descritiva foi realizada, vinculada ao referencial teórico referente ao tema, de acordo com que as pesquisadoras propuseram conhecer (GUIMARÃES, 2008).

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa contou com 350 participantes, sendo 75.1% mulheres e 24.9% homens, residentes nos estados de Santa Catarina (69.4%), Paraná (8.3%), São Paulo (4.8%), Rio Grande do Sul (4.2%) e demais estados do Sudeste, Centro Oeste e Nordeste do país com os 13.3% restantes. Entre os participantes, o Gráfico 1 demonstra a caracterização religiosa distintamente dos principais grupos do estudo.

Gráfico 1 – Caracterização dos participantes quanto a serem cristãos praticantes ou não, não cristãos e ateus.

Fonte: Elaboração das autoras, 2020.

Em se tratando de filhos, 75.9% dos participantes que se declararam casados(as), divorciados(as), viúvos(as) ou união estável em relações heterossexuais possuem 1 ou mais filhos, para 1.5% homossexuais casados. Dos solteiros(as), 16.7% possuem entre 01 e 03 filhos. Entre mulheres e homens, 39.6% apontaram que filhos não são essenciais e, 72.1% apontaram que um casal não depende de tê-los para a felicidade conjugal.

Levando em consideração o foco deste estudo acerca da opção de mulheres pela não maternidade, segundo preceitos religiosos, faz-se importante destacar as religiões as quais os participantes possuem particular devoção, e desse modo comparar os grupos de acordo com

os suas percepções. No questionamento acerca da religião cristã da qual o pesquisado teria devoção, a Católica Apostólica Romana foi a que mais se destacou com 41.1%, seguida da Espírita com 22%, Evangélica com 13.7%, Renovação Carismática Católica (RCC) com 4.2% e Protestante com 3.7%. Outros se denominaram "espiritualistas", ou seja, sem religião, com crença em Cristo, independente de religião. Quanto à influência dos preceitos religiosos no comportamento e modo de viver, a religião Evangélica foi a que mais apresentou devotos com 62.5%, seguido da Espírita com 47.5%, Protestante com 46.7% e Católica Apostólica Romana com 39.2%.

Em uma análise geral dos principais grupos, segue Tabela demonstrativa, destacando que os valores de média são relativos às respostas apresentadas pelos sujeitos, considerando um nível de mensuração ordinal com variação de 1 a 5, sendo que 1 significa que o participante "concorda plenamente" com a afirmação, e o número 5 significa que "discorda totalmente".

Tabela 1 - Média dos dados dos principais grupos acerca das afirmativas relacionadas à maternidade

Itens	Médias											
Sobre a maternidade, assinale:	Média Geral (n=350)	Média Cristãos Praticantes (n=159)	Média Cristãos Não Praticantes (n=149)	Média Não Cristãos (n=24)	Média Ateus (n=18)	Média Católicos Romanos (n=144)	Média Espíritas (n=80)	Média Evangélicos (n=48)	Média Renovação Carismática Católica (n=15)	Média Protestantes (n=13)	Média Mulheres (n=263)	Média Homens (n=87)
A mulher pode simplesmente não ter o desejo de ser mãe.	1,3	1,5	1,2	1,0	1,1	1,2	1,2	1,5	2,8	4,3	1,2	1,5
Uma mulher sem filho(s) pode se sentir feliz.	1,4	1,6	1,3	1,3	1,1	1,3	1,3	1,4	4,7	4,5	1,3	1,7
Uma mulher solteira pode ser uma mãe independente.	1,5	1,9	1,3	1,1	1,1	1,4	1,4	1,9	4,6	1,9	1,4	1,8
A mulher pode optar pela carreira profissional ao invés da maternidade.	1,6	1,9	1,3	1,1	1,2	1,3	1,5	1,7	1,3	4,3	1,5	1,9
Só se deve ter filhos em boas condições econômicas, sociais e/ou emocionais.	2,2	2,3	2,0	2,3	1,8	2,1	2,1	2,3	2,1	1,9	2,1	2,2
A maternidade é algo divino.	2,3	1,8	2,5	2,9	4,7	2,5	2,3	2,1	3,1	3,7	2,4	2,2
A gravidez é importante.	2,4	2,1	2,6	2,8	3,3	2,7	2,4	2,0	3,3	4,5	2,6	1,9
Uma mulher pode engravidar e não desejar ser mãe.	2,5	3,0	2,2	1,9	1,7	2,2	2,6	2,7	4,6	4,5	2,3	3,1
A maternidade é o melhor acontecimento na vida de uma mulher.	2,6	2,2	2,7	3,6	3,6	2,8	2,8	2,3	4,3	2,2	2,7	2,4
A maternidade é algo biológico.	2,9	2,7	3,0	3,2	3,1	3,2	3,3	2,7	1,1	4,5	3,1	2,2
A mulher é valorizada socialmente através da maternidade.	3,4	3,5	3,4	3,2	3,4	3,7	3,5	3,1	5,0	2,1	3,5	3,2
A mulher deve ter o desejo de se tornar mãe.	3,7	3,4	3,9	4,7	3,3	4,0	4,1	3,3	2,2	2,3	4,0	2,9
Toda mulher casada deve se tornar mãe.	4,1	3,7	4,4	4,6	4,9	4,4	4,3	3,7	1,3	1,8	4,2	3,7
A mulher só se realiza por meio da maternidade.	4,3	4,0	4,4	4,7	4,9	4,5	4,3	4,2	4,9	1,4	4,4	3,9
Não se deve evitar uma gravidez com o uso de contraceptivos.	4,3	4,0	4,5	4,7	4,8	4,5	4,4	4,0	4,9	2,1	4,5	3,8
A mulher que não deseja ser mãe é egoísta.	4,5	4,3	4,7	4,8	4,9	4,6	4,6	4,4	1,1	2,0	4,6	4,3
Como diz o antigo dito popular, a mulher que não tem filho(s) é considerada como uma "árvore seca".	4,8	4,7	4,9	4,9	5,0	4,9	4,8	4,7	3,1	1,3	4,8	4,6
A responsabilidade da gravidez é apenas da mulher.	4,8	4,7	4,9	5,0	4,8	4,8	4,9	4,8	2,4	3,1	4,8	4,8

Fonte: Elaboração das autoras, 2020.

Para a correlação das informações coletadas com o referencial teórico acerca da maternidade, é importante salientar que a finalidade desta passou por transformações ao longo dos séculos. No período patriarcal, era exclusivamente para a procriação em muitos casos, uma vez que o índice de mortalidade infantil era alto devido às más condições de sobrevivência (FARIA, 2005). Em muitas famílias, os filhos assim que nasciam eram entregues às amas de leite, e vinham de relações sem afeto entre os pais, uma vez que se prezava o matrimônio de acordo com os benefícios financeiros e alianças políticas entre o pai e o futuro cônjuge (BADINTER, 1985).

Contudo, ao findar do século XVIII e início do XIX, certa atenção voltada para a infância começou a ser manifestar, vez que um dos filhos precisava dar continuidade aos negócios do pai (BADINTER, 1985). Desse modo, o filho escolhido era amamentado e cuidado pela mãe, e recebia o ensinamento adequado para cuidar das finanças da família. Por conseguinte, com o passar dos anos, um clima afetuoso e centrado na família passou a valorizado e a maternidade recebeu importância. Restrita então às funções privadas e submissa ao homem, a mulher assume uma posição amorosa, santificada e idealizada. Logo, ela passa a ser incentivada a assumir o cuidado dos filhos desde o nascimento, os tornando objetos de sua atenção, sendo a amamentação o marco dessa mudança (CORREIA, 1998). Esse cuidado que passou a ser exercido pela mãe foi um dos principais motivos da queda da mortalidade infantil na época (FARIA, 2005). Consequentemente, essa transformação fez com que a "mulher-mãe" passasse a ser valorizada e respeitada de acordo com sua responsabilidade materna. Entretanto, à medida que aumentavam as responsabilidades, o sacrifício da mãe aos filhos e à família, emergia como um novo modelo social de como uma mãe deveria ser. Esse novo modelo social de mulher teve incentivo no discurso filosófico, que vinculou o papel social da mulher à maternidade (FARIA, 2005). À vista disso, por meio da afirmação "*A mulher é valorizada socialmente através da maternidade*", a opinião da população analisada apontou "discordância" com média de 3,4 no grupo geral acerca desta afirmativa. Comparando os grupos de cristãos praticantes ($\bar{X}$=3,5), não praticantes ($\bar{X}$=3,4), não cristãos ($\bar{X}$=3,2) e ateus ($\bar{X}$=3,4), os dados não apresentaram distinções significativas entre eles (ver Tabela 1).

Desde o princípio da criação, considerando o entendimento religioso, a imagem da mulher foi se estabelecendo como inferior e submissa aos desígnios masculinos entre os cristãos, justificando a hierarquia social ao qual se vive até os dias atuais (LIMA; TEIXEIRA, 2008). Nesse sentido, a desobediência, a malícia e a inferioridade da primeira mulher que se teve conhecimento, Eva, foram atribuídas a todo o sexo feminino, ou seja, a todas as suas

descendentes. Dessa forma, esses foram os argumentos utilizados por cristãos como base para fundamentação de normas no que diz respeito à diferença entre os sexos, fortalecendo assim a misoginia. No entanto, na época medieval, eis que surge no discurso da Igreja, Maria, aquela que trouxe a salvação ao mundo, contrariando Eva, que trouxe o pecado (LIMA; TEIXEIRA, 2008). Assim sendo, o incentivo à maternidade por meio de instituições religiosas cristãs e seus representantes se tornou proeminente com base na representação de Maria e sua pureza virginal (VÁSQUEZ, 2014). Desse modo, foi por meio da figura dessa mulher que se constituiu o estereótipo de feminilidade e maternidade na cultura ocidental, adotando esse modelo de mulher para definir o papel social feminino, visto o número elevado de cristãos nesse território.

No contexto religioso católico, Maria tem um papel de destaque, uma vez que representa um refúgio, uma "mãe" para os devotos cristãos, a quem se pode recorrer diante das aflições. Ao contrário do Deus homem e severo, ela é aquela que a tudo suporta, sofre calada e que continuou pura após dar à luz (VÁSQUEZ, 2014). Sendo assim,

> O campo religioso católico construiu práticas discursivas a respeito da maternidade idealizada, de uma maternidade artificial e até inatingível, visto que a mácula do pecado original e do ato sexual estão presentes nas demais mães do mundo, à exceção de Maria. Desta forma, para diminuir a "culpa" da luxúria do ato sexual caberia à mulher ser uma boa mãe, ou seja, colocar a criança em primeiro lugar na sua vida, ser recatada, ser generosa, ser compreensiva e sofrer calada. Eis o ideal cristão de maternidade que deveria ser o norte das mulheres em geral (VÁSQUEZ, 2014, p. 170).

Implantados nos princípios religiosos cristãos, distinções entre os papéis dos sexos sempre foram apontadas. Por meio de ensinamentos, tradições, costumes, valores, práticas e cultura, efeitos são exercidos sobre os sujeitos em como se percebem enquanto sociedade, tendo no papel da mulher, o de mãe e cuidadora do lar (SIMÃO, 2019). Nesse sentido, a família segundo esses preceitos pode ser um núcleo de solidariedade, mas também de imposições normativas, coação e conflitos (SIMÃO, 2019). Em referência a afirmação "*Toda mulher casada deve se tornar mãe*", os dados assinalaram por meio do grupo geral ($\bar{X}$=4,1) que os pesquisados "discordam quase que totalmente" da afirmativa. Comparando os cristãos praticantes ($\bar{X}$=3,7), não praticantes ($\bar{X}$=4,4), não cristãos ($\bar{X}$=4,6) e ateus ($\bar{X}$=4,9), distinções significativas não foram apresentadas por meio dos resultados, onde todos apontaram "discordância" acerca da ideia. Na afirmação "*A responsabilidade da gravidez é apenas da mulher*" o grupo geral apontou média de 4,8, onde "discordam quase que totalmente", não apresentando distinções entre os grupos de mulheres ($\bar{X}$=4,8) e homens ($\bar{X}$=4,8) acerca da

afirmação. Já o grupo de devotos da Renovação Carismática Católica (RCC) assinalou que "concorda em parte" da afirmativa destacando a média de 2,4 (ver Tabela 1).

No que diz respeito aos ensinamentos deixados por Jesus Cristo, Badinter (1985) aponta que a cúpula da instituição católica realizou modificações acerca do significado do papel social da mulher e do homem. Nesse sentido, as parábolas incluídas no Novo Testamento da Bíblia Sagrada enfatizam que,

> Ao pregar o amor ao próximo, o Cristo punha um freio à autoridade, de onde quer que viesse. Reforçava o companheirismo e, portanto, a igualdade dos esposos, fazendo do casamento uma instituição divina. Assim, punha fim a um poder exorbitante do marido, o poder de repúdio, e à poligamia. A mensagem de Cristo era clara: marido e mulher eram iguais e partilhavam dos mesmos direitos e deveres em relação aos filhos. [...] alguns apóstolos e teólogos obscureceram a mensagem com sua interpretação, [...], em boa parte, a condição da mulher (BADINTER, 1985, p. 29).

Com relação à devoção religiosa, na afirmação correspondente de que "*A maternidade é algo divino*", os principais grupos apontaram distinções acerca da afirmativa, ou seja, os cristãos praticantes assinalaram que "concordam quase que plenamente" ($\bar{X}$=1,8), os não praticantes "não concordam, nem discordam" ($\bar{X}$=2,5), os não cristãos "discordam em parte" ($\bar{X}$=2,9) e os ateus "discordam quase que totalmente" ($\bar{X}$=4,7) da mesma ideia (ver Tabela 1).

Dentre as manifestações do movimento feminista ao longo do século XX, a da década de 1960 foi a mais significativa. Dessa vez, foi também pela liberdade de escolha relacionada à maternidade, vez que a representatividade social da "mulher-mãe" continuava determinando o imaginário social no decorrer do mesmo século (VÁSQUEZ, 2014). Assim sendo, essa segunda onda tratou a questão da maternidade a partir da construção estabelecida pelo campo religioso, que vincula a mulher à imagem da mãe protetora. Portanto, essa representatividade social da "mulher-mãe" continua enraizada nas convicções religiosas cristãs, ecoando até os dias atuais. Motivo pelo qual o movimento feminista ao tocar nisso, seria como tocar em "algo sagrado", visto que a maternidade define a condição de feminilidade nas mulheres, segundo tais princípios (VÁSQUEZ, 2014). No entanto, a maternidade idealizada por esse contexto, se apresenta como inatingível nos dias atuais, segundo as diversas transformações resultantes da modernidade (BADINTER, 1985).

Além do mais, Rezende (2016) assinala que ainda se acredita que a mulher está predestinada a ser mãe pelo seu biotipo, e que só se realiza ao abrigar outro ser em seu ventre, fazendo com que muitas aceitem o seu destino fisiológico, normas sociais e religiosas. Observando pelo ponto de vista social, a autora ainda aponta que a mulher só se constitui

sendo mãe, e ainda, uma boa mãe. Logo, aquela que busca algo distinto à maternidade, é vista como anormal, a que desacata a natureza (REZENDE, 2016). Nesse sentido, inserida nas afirmações utilizadas pelo estudo e que remete a maternidade à biologia, a afirmativa "*A maternidade é algo biológico*", assinalou respostas de "não concordo, nem discordo" ($\bar{X}$=2,9) na média geral dos grupos, acerca da ideia pela maioria dos pesquisados. Entre os grupos de cristãos praticantes ($\bar{X}$=2,7), cristãos não praticantes ($\bar{X}$=3,0), não cristãos ($\bar{X}$=3,2) e ateus ($\bar{X}$=3,1) não se apresentaram diferenças significativas. No entanto, o grupo das mulheres ($\bar{X}$=3,1) apresentou distinção do grupo dos homens ($\bar{X}$=2,2) "discordando em parte" sobre a afirmativa (ver Tabela 1).

Ainda, em consideração à maternidade como algo indispensável à mulher de acordo com a sua constituição biológica, através da afirmação "*Uma mulher sem filho(s) pode se sentir feliz*", os dados apontaram por meio do grupo geral ($\bar{X}$=1,4) que uma mulher pode se sentir feliz além da maternidade, onde os pesquisados "concordam quase que plenamente" com a afirmativa, não apresentando distinções significativas entre os cristãos praticantes ou não, os não cristãos e os ateus. Na afirmação "*A maternidade é o melhor acontecimento na vida de uma mulher*" os cristãos praticantes ($\bar{X}$=2,2) e os não praticantes ($\bar{X}$=2,7) "concordam em parte", os não cristãos ($\bar{X}$=3,6) e os ateus ($\bar{X}$=3,6) "discordam em parte" da afirmativa (ver Tabela 1).

Em se tratando da ausência do desejo da maternidade, Badinter (1985) constatou que segundo as representações sociais, culturais e religiosas cristãs, todas as mulheres devem ter como característica o desejo de ser mãe. A autora defende que hierarquicamente as mulheres sempre foram submissas aos desígnios masculinos, e não se buscava saber o que pensavam e desejavam como destino. Nesse sentido, com as oportunidades de trabalho advindas da industrialização no século XIX, elas aderiram ao trabalho para complementar a renda familiar. Disso surgiu a oportunidade de buscar realizações distintas à constituição familiar, demonstrando que seus desejos iam além da maternidade. Sendo assim, o papel feminino de esposa e mãe foi perdendo força e deixou de ser o único lugar da mulher na sociedade, vez que a liberdade de escolha foi tomando espaço (BADINTER, 1985).

No entanto, a maternidade não perdeu o seu valor, uma vez que muitas mulheres sentem felicidade e se realizam por este meio, apenas deixou de ser o destino de todas em meio a outras possibilidades (BRAGA, et. al, 2018). Referente a isso, a afirmação "*A gravidez é importante*" obteve por meio do grupo geral a média de 2,4, apontando que os participantes "não concordam nem discordam" sobre a importância da maternidade. No entanto, os ateus

indicaram por meio da média de 3,3 que "discordam em parte" da afirmativa, se distinguindo dos cristãos praticantes que "concordam em parte" ($\bar{X}$=2,1) acerca da mesma ideia (ver Tabela 1). Sendo assim, com a modernidade, a tecnologia e a possibilidade da contracepção, evitar uma gravidez indesejável passou a existir, e disso surgiu o dilema entre ser ou não ser mãe. Dessa forma, foi capaz de se romper com o determinismo biológico, separando a reprodução da sexualidade, e a imagem da mulher vinculada à maternidade foi se desconstruindo (SCAVONE, 2001). A respeito da possibilidade da contracepção, por meio da afirmação "*Não se deve evitar uma gravidez com o uso de contraceptivos*", o grupo geral ($\bar{X}$=4,3) apontou que os participantes "discordam quase que totalmente" da afirmativa. Os demais grupos não assinalaram distinções significativas, apresentando "discordância" acerca da ideia também, com exceção do grupo de Protestantes que expôs por meio dos resultados que "concordam em parte" da ideia através da média de 2,1 (ver Tabela 1).

No Brasil, o aumento da atuação feminina no mercado de trabalho foi uma das transformações sociais mais significativas desde os anos 70 (BRUSCHINI, 1998). Não apenas pela necessidade econômica, mas também pelas transformações sociais, culturais e demográficas, mulheres e famílias brasileiras necessitaram aderir ao setor. Logo, as desigualdades sociais aqui vividas repercutiram em uma maior reflexão acerca da maternidade, visto que com a valorização da criança e condições econômicas vulneráveis, teve que se pensar na quantidade de filhos (SCAVONE, 2001). Acerca disso, a afirmativa "*Só se deve ter filhos em boas condições econômicas, sociais e/ou emocionais*", o grupo geral ($\bar{X}$=2,2) indicou que os pesquisados "concordam em parte" acerca desse pensamento (ver Tabela 1). Ademais,

> A intensa queda da fecundidade reduziu o número de filhos por mulher, sobretudo nas cidades e nas regiões mais desenvolvidas do país, liberando-a para o trabalho. A expansão da escolaridade e o acesso às universidades viabilizaram o acesso das mulheres a novas oportunidades de trabalho. Por fim, transformações nos padrões culturais e nos valores relativos ao papel social da mulher, intensificadas pelo impacto dos movimentos feministas desde os anos setenta e pela presença cada vez mais atuante das mulheres nos espaços públicos, alteraram a constituição da identidade feminina, cada vez mais voltada para o trabalho produtivo (BRUSCHINI, 1998, p. 3).

No entanto, ainda se espera que o desejo feminino seja pelo matrimônio e pela gestação. Quando a escolha não ocorre por esse meio, a mulher se coloca diante de sentimentos de perplexidade e certa revolta por parte da sociedade cristã ou não, quando biologicamente capaz, se recusa a gerar outra vida (VÁSQUEZ, 2014). Quanto a isso, a afirmação "*A mulher pode simplesmente não ter o desejo de ser mãe*", o grupo geral ($\bar{X}$=1,3)

assinalou que os pesquisados "concordam quase que plenamente" com a afirmativa. Ainda sobre o desejo da maternidade, por meio da afirmativa "*A mulher que não deseja ser mãe é egoísta*", os resultados indicaram que os pesquisados "discordam quase que totalmente" por meio da média de 4,5 do grupo geral. Ambas as afirmações apontaram através dos resultados, que a mulher pode não desejar se tornar mãe sem ser considerada egoísta, segundo os principais grupos de cristãos praticantes ou não, não cristãos e ateus. No entanto, os grupos da Renovação Carismática Católica (RCC) e Protestantes retrataram resultados adversos acerca das duas afirmativas (ver Tabela 1).

Ademais, é importante destacar que uma gravidez não desejada pode resultar em prejuízos, tanto para a mãe quanto para a criança. Desse modo, a sua realização contra a própria vontade pode afetar a mulher psiquicamente, visto que tantas mudanças físicas e biológicas são provocadas pela gestação (REZENDE, 2016). À vista disso, na afirmação "*Uma mulher pode engravidar e não desejar ser mãe*" os resultados indicaram, por meio do grupo geral ($\bar{X}$=2,5), "certa discordância" acerca dessa ideia. Na afirmação "*A mulher deve ter o desejo de se tornar mãe*", os dados caracterizaram, pelo grupo geral ($\bar{X}$=3,7), que os pesquisados também "discordam em parte" desse pensamento (ver Tabela 1).

Diante disso, sendo o desejo pela maternidade não instintivo, Badinter (1985) ainda defende que este não sendo inato, o amor materno também pode não ser. A autora evidencia que o amor materno é um sentimento humano, e que como todos os outros sentimentos, é incerto. Pode ser que não esteja inscrito na natureza feminina, e o interesse pela maternidade e dedicação a um filho podem se manifestar ou não. Assim sendo, a autora insiste que o amor de mãe é construído, fruto da proximidade emocional e física e que se molda por meio da convivência. Ressaltando, "enquanto a maternidade é tradicionalmente permeada pela relação consanguínea entre mãe e filho, a maternagem é estabelecida no vínculo afetivo do cuidado e acolhimento ao filho por uma mãe" (GRADVOHL, 2014, p. 56). O surgimento da maternagem, ou seja, da disponibilidade psíquica, pode se dar antes mesmo da concepção, quando a mulher almeja a gravidez (GRADVOHL, 2014). Ademais, se faz relevante salientar que a mulher também é um ser psíquico, histórico, cultural e social, possibilitando comparar a mulher atual da que entregava seus filhos aos cuidados das amas de leite (BADINTER, 1985).

Contudo, outras questões acabaram por evidenciar a não instintividade do desejo e amor materno. A cobrança da sociedade contemporânea e a competitividade no mercado de trabalho fizeram com que escolhas fossem feitas entre maternidade, família e profissão. Disso se deu uma transformação na identidade feminina, uma vez que a mulher passou a almejar competência profissional, se satisfazer e se realizar como mulher por outros meios

(SCHLICKMANN, 2010). Relacionada à imagem que a mulher vem constituindo, na afirmação "*A mulher só se realiza por meio da maternidade*", o grupo geral ($\bar{X}$=4,3) assinalou que os pesquisados "discordam quase que totalmente" acerca da afirmativa (ver Tabela 1). Ainda, as mulheres passaram a perceber que além da necessidade e possibilidade da aquisição econômica, o trabalho se tornou uma maneira de elevar a autoestima através do desenvolvimento intelectual e da ampliação dos contatos sociais. Dessa forma, o trabalho começou a ser visto por elas como uma maneira de ser útil ao outro social (SCHLICKMANN, 2010).

No entanto, a responsabilidade com os cuidados do lar e da família passaram a interferir na posição da mulher no mercado de trabalho, sendo o cuidado com os filhos pequenos um dos principais motivos de sobrecarga por aquelas que possuíam atividades econômicas também (BRUSCHINI, 1998). Esse fato justifica a posição secundária da mulher nesse setor, sempre em desvantagem perante o homem. Assim sendo, a maternidade é sem dúvida a que mais interfere no trabalho feminino (BRUSCHINI, 1998). Quanto a isso, a afirmação "*A mulher pode optar pela carreira profissional ao invés da maternidade*" indicou por meio do grupo geral ($\bar{X}$=1,6), que a maioria dos pesquisados "concorda em parte" com a ideia (ver Tabela 1). Faz-se importante destacar que

> A diversificação das pautas de consumo, gerando novas necessidades e desejos, o empobrecimento da classe média e a necessidade de arcar com os custos de educação e saúde, devido à precarização dos sistemas públicos de atendimento, fariam parte desse processo. Contudo, esse aumento também é fruto de um intenso processo de modernização e de mudança cultural [...], do qual faz parte a expansão da escolaridade, à qual as mulheres vêm tendo cada vez mais acesso (BRUSCHINI, 1998, p. 7).

A mulher contemporânea provida de suas conquistas e liberdade de escolha entre ser ou não ser mãe, ainda tem a possibilidade de se tornar mãe independentemente de uma relação conjugal, sendo livre para se realizar dessa maneira nos dias atuais (BRAGA, 2018). Diante disso, os resultados da afirmação "*Uma mulher solteira pode ser uma mãe independente*" assinalaram que os grupos de cristãos praticantes ($\bar{X}$=1,9), não praticantes ($\bar{X}$=1,3), não cristãos ($\bar{X}$=1,1) e ateus ($\bar{X}$=1,1), "concordam quase que totalmente" com a ideia. Os grupos de mulheres ($\bar{X}$=1,4) e homens ($\bar{X}$=1,8) não indicaram distinção significativa, porém o resultado do grupo Renovação Carismática Católica (RCC) retratou que "discordam quase que totalmente" da afirmativa, apresentando uma média de 4,6 (ver Tabela 1).

Relacionado à mulher que não se tornou mãe, o termo "figueira do inferno" é atribuído à mulher que não engravida. Mesmo não se apresentando de forma direta na Bíblia Sagrada, o

termo foi apropriado popularmente através do discurso religioso (VARGAS, 1999). Em seu estudo sobre a infertilidade feminina, através dos relatos de mulheres, Vargas (1999) constatou que esse termo, baseado indiretamente nos escritos cristãos, se direciona a mulher que não gera outro ser. Disso surgiu uma distinção entre as que se tornam mãe das que não; assim "a percepção feminina da diferença entre mulheres - as que têm filho e as que não têm - expõe atributos da identidade feminina relacionados aos valores morais e às posições do feminino e do masculino no contexto social" (VARGAS, 1999, p. 13)". Assim sendo,

> [...] a percepção feminina da mulher sem filhos ganha sentido em comparação com as que os têm, e ganha força de expressão nos contextos familiares e nas relações [...]. As mulheres são semelhantes entre si *por fora*, mas se distinguem *por dentro*, a que não tem filhos é 'seca *por dentro*'. "*Então, tem algumas pessoas que são ignorante mesmo, compara a mulher que não tem filhos como que ela fosse seca por dentro, como que ela não desse fruto*" (VARGAS, 1999, p. 16).

Diante disso, a última das afirmações "*Como diz o antigo dito popular, a mulher que não tem filho(s) é considerada como uma "árvore seca*"" retratou resultados distintos entre os grupos. Os ateus indicaram que "discordam totalmente" da afirmativa, com a média máxima da escala de 5,0. Exclusivamente, os Protestantes apontaram divergência com a média de 1,3 de que "concordam quase que totalmente" com a ideia. Já a média geral de 4,8, assinalou que os pesquisados "discordam quase que totalmente" do dito popular (ver Tabela 1).

Finalizando a análise dos dados coletados, através dos resultados dos devotos da Renovação Carismática Católica (RCC) e do Protestantismo, distinções entre as informações da média geral dos principais grupos. Com a participação de mulheres em sua maioria (86.7% na Renovação Carismática Católica e 53.9% na Protestante), ambos apontaram distinções em algumas afirmações acerca da maternidade. Na afirmação "*Uma mulher sem filho(s) pode se sentir feliz*", onde a média geral de 1,4 apontou que os pesquisados "concordam quase que plenamente" com a afirmativa, os fiéis da Renovação Carismática Católica e do Protestantismo assinalaram médias de 4,7 e 4,5, respectivamente, ou seja, "discordam quase que totalmente". Na afirmação "*A mulher que não deseja ser mãe é egoísta*" a média geral de 4,5, onde os pesquisados "discordam quase totalmente" se distinguiu da média da Renovação Carismática Católica ($\bar{X}$=1,1) e Protestante ($\bar{X}$=2,0) acerca da mesma ideia (ver Tabela 1).

As diferenças evidenciadas por meio dos resultados desses dois grupos foram alvo de atenção, visto que em alguns dos questionamentos o resultado se apresentou inverso aos demais grupos analisados. Desse modo, se faz importante novas pesquisas acerca do motivo pelo qual as ideias se apresentaram distintas nestes dois grupos.

Acerca dessas duas linhas cristãs, a Renovação Carismática Católica (RCC),

> É fruto de um movimento internacional que tem início nos EUA em 1967. Os documentos do movimento afirmam que neste ano um grupo de professores e estudantes católicos passou por uma "renovação espiritual" acompanhada da "manifestação do Espírito". Trata-se da primeira reunião ocorrida entre 17 e 19 de fevereiro na Universidade de Duquesne, em Pittsburgh (Pensylvania), que marca o início do movimento carismático internacional. Portanto, nasce num ambiente universitário, secular e mais elevado, no sentido de bens culturais e intelectuais. Essa experiência levou a uma nova relação com a religião no qual se estabelece a centralidade da ação do Espírito Santo (SOFIATI, 2009, p. 217).

Já o protestantismo,

> É um dos três principais ramos do cristianismo ao lado do catolicismo romano e das igrejas orientais ou ortodoxas. [...] os protestantes propriamente ditos são os luteranos e calvinistas que se espalham pelo mundo em numerosa diversificação, particularmente estes últimos. Então, protestantes seriam aquelas igrejas que se originaram da Reforma ou que, embora surgidas posteriormente, guardam os princípios gerais do movimento. [...] Em suma, o protestante é o homem que se sente liberto por Cristo, segue exclusivamente a Bíblia "como única regra de fé e prática", cultiva uma ética racional de desempenho para contribuir para a glória de Deus e vive moralmente segundo os "10 mandamentos" e os padrões da moral burguesa vitoriana (MENDONÇA, 2005, p. 50-51).

Tendo em vista os aspectos observados, é indispensável o resgate da trajetória da humanidade para que se possa compreender de onde surgiram todos os estereótipos existentes que perduram até os dias atuais, em especial o feminino (VITORELLO, 2013). A instituição religiosa cristã teve o seu papel significativo na construção do sentimento materno, se apoiando na imagem de Maria para definir o papel que a mulher deveria realizar socialmente (LIMA; TEIXEIRA, 2008). Por conta desses modelos estereotipados criados e enraizados no social, conflitos e problemas ocorrem nas relações em geral (VÁSQUEZ, 2014).

Atualmente, não há uma negação à maternidade, mas um compartilhamento das responsabilidades entre o casal perante os filhos (VÁSQUEZ, 2014). Contudo, com a contemporaneidade, a atenção que antes era voltada para a constituição familiar, agora é para o sujeito como protagonista de sua história (SCHLICKMANN, 2010). Desse modo, a história, o tempo e a sociedade agem influenciando o comportamento e a subjetividade dos sujeitos, trazendo transformações acerca da maternidade como algo imprescindível na vida das mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como uma das formas de controlar o comportamento feminino, a cúpula da instituição religiosa cristã utilizou a imagem de Maria como modelo a ser seguido pelas mulheres ocidentais, alegando ser essa a única forma de não ser comparada à Eva, a que cometeu o

“pecado original”, segundo seus preceitos. Desse modo, vinculando o papel da mulher à maternidade, o destino das fiéis cristãs ou não foi controlado socialmente por meio desse discurso religioso até os dias atuais. Entretanto, para muitas mulheres esse discurso foi perdendo o valor, uma vez que a necessidade financeira exigiu que aderissem ao trabalho conquistando liberdade de seguir caminhos distintos à maternidade, uma vez que esse ideal também tem se apresentado inatingível atualmente. No entanto, muitas sofrem julgamentos por não seguirem as normas sociais, de que a mulher deve se tornar mãe como única maneira de se realizar.

Considerando o sofrimento psíquico causado por meio de julgamentos e discriminação social por mulheres que optam por não ter filho(s), bem como os princípios cristãos acerca do papel social da mulher e o crescimento de fiéis no país, objetivou-se vincular ambos os cenários e, por meio das informações coletadas, identificar a opinião da população pesquisada acerca do tema. Desse modo, o instrumento de pesquisa para tal foi disponibilizado pelas mídias socais para aqueles que provessem do desejo em expor sobre a maternidade vinculada ao cristianismo, diferentemente de um grupo selecionado para responder a um questionamento específico.

O estudo contou com a participação expressiva de mulheres, uma vez que o papel feminino se identifica diretamente com a maternidade, segundo a constituição biológica e a história da mulher na sociedade. Ainda, grande parte da população de mulheres e homens pesquisados, indicou por meio dos resultados que filhos não são essenciais em uma união; nem mesmo a felicidade conjugal depende de tê-los.

Sobre a mulher ser valorizada socialmente através da maternidade, a população pesquisada apontou certa discordância acerca da ideia. No que diz respeito a toda mulher casada ter o dever de ter filhos, os cristãos praticantes apontaram certa discordância também, porém os cristãos não praticantes, os não cristãos e os ateus, discordaram quase que totalmente da ideia. A propósito, sobre a responsabilidade da gravidez, que no século XVIII era voltada para a mãe, os dados apontaram que as mulheres e os homens pesquisados discordam quase que totalmente dessa ideia atualmente.

Em um viés cristão, acerca da divindade da maternidade, os dados apontaram que os pesquisados não concordam e nem discordam da afirmativa, visto que o resultado dos ateus está entre a média das respostas. Já sobre a maternidade ser algo biológico, os dados apontaram em média que os pesquisados não concordam e nem discordam, também.

No que se refere a felicidade de uma mulher sem filhos, os cristãos praticantes e não praticantes, os não cristãos e os ateus assinalaram que concordam quase que plenamente com

a ideia. Acerca da maternidade como o melhor acontecimento na vida de uma mulher, os resultados apontaram que os cristãos praticantes ou não, concordam em parte e, os não cristãos e ateus discordam em parte da afirmativa. Em relação à importância da gravidez, os cristãos praticantes assinalaram que concordam em parte, já os ateus discordam em parte sobre a importância de uma gestação.

Quanto a não se evitar uma gravidez com o uso de contraceptivos, os resultados assinalaram que todos os grupos discordam quase que totalmente da ideia. Com relação a se ter filhos somente em boas condições econômicas, sociais e/ou emocionais, os dados assinalaram que os cristãos (praticantes e não praticantes), os não cristãos e os ateus concordam em parte com a afirmativa.

No que compete ao desejo pela maternidade, mais precisamente sobre "poder" não ter o desejo de se tornar mãe, os dados apontaram que os pesquisados concordam quase que plenamente com a ideia. Na afirmação em que a mulher que não deseja ser mãe é egoísta, os dados marcaram por meio dos principais grupos que os pesquisados discordam quase que totalmente desse pensamento. Quanto à mulher engravidar sem o desejo pela maternidade, os resultados assinalaram distinções de opinião entre os grupos. Os cristãos praticantes discordam em parte e os não praticantes concordam em parte, os não cristãos e os ateus concordam quase que plenamente com o pensamento. Sobre o dever do desejo da maternidade os cristãos praticantes, os não praticantes e os ateus discordam em parte, já os não cristãos discordam quase que totalmente dessa ideia.

Em referência a mulher só se realizar por meio da maternidade, os cristãos praticantes e não praticantes discordam em parte, já os não cristãos e os ateus discordam quase que totalmente da afirmativa. Quanto à opção pela carreira profissional à maternidade, os resultados assinalaram que os cristãos praticantes concordam em parte, já os não praticantes, os não cristãos e os ateus concordam quase que plenamente com a ideia. E, sobre a maternidade independente, os dados apontaram que os pesquisados concordam em parte com a ideia.

Finalizando acerca dos resultados, em relação ao dito popular que compara a mulher sem filhos a uma árvore seca, os pesquisados marcaram que discordam totalmente desse pensamento. No entanto, três cristãos praticantes, dentre todos os participantes do estudo, concordam plenamente com o antigo dito popular.

Contudo, de acordo com o contexto histórico, cultural e religioso, a maternidade continua sendo vista como algo inerente à mulher segundo a sua constituição biológica. Entretanto, com a modernização e a possibilidade de crescimento profissional, muitas

necessitam e desejam trabalhar. Em muitos casos para ajudar financeiramente a família, porém em outros, a busca por se realizar através de possibilidades distintas à maternidade.

No que se refere ao amor materno, este é uma construção advinda da relação entre mãe e filho, e a mulher que se realiza em detrimento de outra escolha, não pode continuar sendo considerada "insensível", visto que isso não significa incapacidade em amar outro ser, em especial a um filho, mas a particularidades sociais, econômicas, biológicas e/ou psicológicas.

Sendo assim, vale a reflexão acerca dos julgamentos sofridos por mulheres, pela opção da não maternidade em detrimento de outras possibilidades. Sofrer julgamentos pode fazer com que mulheres se sintam culpadas e excluídas de um contexto que espera que o normal seja a escolha pela maternidade. Além do mais, com a modernidade a mulher teve a possibilidade de se tornar a protagonista da sua história se definindo de outras maneiras.

Diante da análise, é importante ressaltar que este estudo não tem por objetivo desqualificar a maternidade, pelo contrário, uma vez que se tornar mãe tem o seu valor, e que muitas se realizam como mulher por esse meio. Porém, a ausência do desejo da maternidade não pode continuar sendo indicativo de egoísmo; nem mesmo que mulheres não possam encontrar a felicidade e se realizar de outras formas.

Salientando, o tema é de extrema importância para os profissionais da Psicologia, bem como para a Ciência, uma vez que mulheres podem sofrer psiquicamente e carecerem de acolhimento adequado. Acolhimento este, que somente o profissional de psicologia possui conhecimento e experiência de atuação assertiva diante do sofrimento psíquico causado pelo julgamento na escolha de algo adverso ao dito como normal pela sociedade.

A não maternidade precisa continuar sendo abordada em outros contextos além do religioso, para que passe a ser tratada com normalidade. Oportuno destacar também, a realização de estudos acerca dos devotos da Renovação Carismática Católica e Protestantismo, vinculados à maternidade, uma vez que foi identificado através dos dados desses dois grupos, divergências em algumas opiniões dos demais grupos analisados.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Tradução: Waltensir Dutra. Disponível em <www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20(pdf)%20(rev).pdf> Acesso: Maio de 2020.

BRAGA, Rafaela C, Et al. Para além da maternidade: as configurações do desejo na mulher contemporânea. **Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, Vol. 3, nº 6, p. 523-

540, 2018. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15994/13638> Acesso: Outubro de 2020.

BRUSCHINI, Cristina. **Trabalho feminino no Brasil**: novas conquistas ou persistência da discriminação. Fundação Carlos Chagas, São Paulo, 1998. Disponível em <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lasa98/Bruschini.pdf> Acesso: Maio de 2020.

CORREIA, Maria J. Sobre a Maternidade. **Análise Psicológica**. S.N, v. 3, nº 16, p. 365-371, 1998. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v16n3/v16n3a02.pdf> Acesso: Maio de 2020.

FARIA, Juliana T. **A maternidade**: A construção de um novo papel na vida da mulher. Monografia. Maringá, 2005. Disponível em <http://br.monografias.com/trabalhos3/maternidade-construcao-papel-vida-mulher/maternidade-construcao-papel-vida-mulher.shtml> Acesso: Maio de 2020.

G1. Número de evangélicos aumenta 61% em 10 anos, aponta IBGE. **G1**, São Paulo, 2012. Disponível em <ttp://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-10-anos-aponta-ibge.html> Acesso: Março de 2020.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Edição. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf> Acesso: Março de 2020.

GUIMARÃES, Paulo R. B. Métodos Quantitativos Estatísticos. ISDE Brasil S.A, Curitiba, 2008. Disponível em <http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/LIVROS/LIVROS/Metodos%20Quantitativos%20%20Estatisticos%20Paulo%20Ricardo%20BittencourtGuimar%E3es.pdf> Acesso: Novembro de 2020.

GRADVOHL, Silvia M. O. Et al. Maternidade e formas de maternagem desde a Idade Média à atualidade. **Pensando Famílias**. 18(1), p. 55-62, 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n1/v18n1a06.pdf> Acesso: Outubro de 2020.

LIMA, Raquel S. S. TEIXEIRA, Igor S. Ser mãe: o amor materno no discurso católico do século XIX. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 6, nº 12, p.113-126, Junho, 2008. Disponível em <file:///C:/Users/user/Downloads/442-Texto%20do%20artigo-1373-1-10-20090508.pdf> Acesso: Abril de 2020.

MENDONÇA, Antônio G. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **Revista USP**, São Paulo, n.67, p. 48-67, 2005. Disponível em < file:///C:/Users/user/Downloads/13455-Texto%20do%20artigo-16429-1-10-20120517.pdf> Acesso: Dezembro de 2020.

MICHEL, Maria Helena. Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. São Paulo: Atlas, 2005.

PATIAS, Naiana D; BAUES, Caroline S. "Tem que ser uma escolha da mulher"! Representações de maternidade em mulheres não mães por opção. **Psicologia & Sociedade.** Vol. 24, nº 2, Belo Horizonte, 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000200007> Acesso: Março de 2020.

REZENDE, Grazielle C. V. Fatores que influenciam as mulheres à maternidade: construto biopsicossocial ou escolha ética? **4º Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais**, 2016. Disponível em <https://cress-mg.org.br/hotsites/Upload/Pics/cc/cc1b4f7a-0f95-4eea-8602-75ce0fa17be9.pdf> Acesso: Abril de 2020.

SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface: comunic, saúde, educ**, v. 5, nº 8, p. 47-60, UNESP, 2001. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/icse/v5n8/04.pdf> Acesso: Março de 2020.

SCHLICKMANN, Denise B. **Mulher, trabalho e maternidade**: como fica a carreira após a chegada dos filhos? Trabalho de Conclusão - Psicologia Unisul, 2010. Disponível em <https://www.riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/1489/101058_Denise.pdf?sequence=1&isAllowe> Acesso: Abril de 2020.

SOFIATI, Flávio M. Elementos socio-históricos da Renovação Carismática Católica. **Estudos de Religião**, v. 23, n. 37, 2009. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/1528/1554> Acesso: Dezembro de 2020.

SIMÃO, Andréa B. Entre o ideal e o real: percepções e práticas acerca da divisão de atividades domésticas e de cuidados no Brasil. **Rev. bras. estud. popul.**, vol. 36, São Paulo, 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982019000100500&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt > Acesso: Abril de 2020.

VARGAS, Eliane P. A figueira do inferno: os reveses da identidade feminina**.** **Dossiê Mulheres Indígenas**. Vol. 7, nº 1 e 2, UFSC, 1999. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11956/11223> Acesso: Outubro de 2020.

VÁSQUEZ, Georgina. Maternidade e Feminismo: notas sobre uma relação plural. **Revista Trilhas da história**. 2014, p. 167-181. Disponível em <file:///C:/Users/user/Downloads/472-Texto%20do%20artigo-1093-1-10-20141202.pdf> Acesso: Maio de 2020.

VITORELLO, Márcia A. **A mãe na dobradiça**: a função educativa da maternidade em famílias monoparentais femininas contemporâneas. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2013. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/71282> Acesso: Maio de 2020.